

Lúcido Devaneio Lucid Reverie

Panorama da
Arte Contemporânea
Portuguesa

Panorama of
Portuguese
Contemporary Art

Curadoria
Curated by

Hiuwai Chu &
Raphael Fonseca

Galeria Municipal do Porto

12.07 – 12.10.2025



Ana Vidigal

André Sousa

Andreia Santana

Belén Uriel

Dayana Lucas

Francisco Trêpa

Gonçalo Sena

Ilídio Candja

Joana Escoval

João Gabriel

João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira

Mané Pacheco

Mariana Caló & Francisco Queimadela

Sara Bichão

Sara Chang Yan

Silvestre Pestana

Sofia Borges

Teresa Murta

Tiago Madaleno

Tiago Mestre

O **Panorama da Arte Contemporânea Portuguesa** é uma nova iniciativa da Galeria Municipal do Porto. Inspirado no Panorama da Arte Brasileira, o projeto ambiciona apresentar com regularidade um recorte da produção contemporânea em Portugal. Outro objetivo é fortalecer a visibilidade da cena artística portuguesa através de colaborações com figuras da curadoria internacional.

Para esta primeira edição a escolha recaiu em Hiuwai Chu e Raphael Fonseca, curadores com uma ampla experiência e ativos em territórios próximos a Portugal, como a Espanha e o Brasil, entre outros como os Estados Unidos da América. O grupo de artistas apresentado é uma das múltiplas seleções possíveis e resulta dos interesses combinados dos curadores, explorados ao longo de cerca de um ano de pesquisa. O conjunto de vinte participantes ilustra a vitalidade e diversidade da cena artística nacional, traduzida no título poético e paradoxal da exposição.

Em nome da Galeria Municipal do Porto queria deixar o nosso profundo agradecimento ao entusiasmo e dedicação com que Chu e Fonseca abraçaram este desafio, um agradecimento que estendemos a todos os artistas que participaram neste processo generoso de diálogo que culmina com esta exposição.

João Laia

Diretor Artístico

Direção de Arte Contemporânea,
Ágora — Cultura e Desporto do Porto,
E.M., S.A.

Lúcido

Devaneio

Lúcido Devaneio é um fragmento visível de um projeto muito maior — uma exposição que nasceu de um convite de João Laia para interagir com a cena artística portuguesa e desenvolver uma apresentação de artistas com práticas fortes e consistentes, mas que permanecem pouco reconhecidas internacionalmente. O que se vê nesta exposição é apenas uma pequena parte de um processo mais amplo: uma constelação de obras que atravessam gerações, disciplinas e meios. No entanto, chamamos-lhe fragmento porque o cerne do projeto reside no que permanece invisível — as inúmeras visitas a estúdios e conversas com artistas que continuarão a ressoar muito depois de esta exposição tomar forma.

A nossa jornada começou no Porto, no final de abril de 2024. Desde então, regressámos a Portugal várias vezes, imergindo na sua cena artística através de exposições em museus, galerias, festivais e espaços independentes. Conversámos com colegas curadores, mas, acima de tudo, convivemos com, acreditamos, cerca de uma centena de artistas — encontrando-nos pessoalmente e online, juntos e individualmente. Pedimos portfólios e links para vídeos, conversámos sobre os seus trabalhos, sobre as artes visuais em geral e, claro, sobre a vida. Dessa forma, com muitas trocas de ideias, construímos uma compreensão em primeira mão, muito peculiar e assimétrica, do panorama artístico contemporâneo de uma nação que, como qualquer outra, é uma invenção.

Desde o início, sabíamos que não queríamos abordar o projeto impondo um tema abrangente e buscando apenas artistas que referenciassem certas ideias; em vez disso, tentámos abordar as nossas conversas e visitas a estúdios com uma abertura que nos permitisse estabelecer vínculos naturais entre áreas de pesquisa e sensibilidades. Simplificando, queríamos trabalhar desde o chão e entender o que está a fermentar na parte ocidental da Península Ibérica.

Encontrámo-nos com artistas nascidos, criados e que continuam a trabalhar em Portugal, artistas de outros lugares que fizeram de Portugal o seu lar e artistas portugueses que vivem no exterior e que mantêm fortes ligações à sua terra natal. Sem surpresa, a gama de práticas que encontramos foi tão diversa quanto em qualquer outro contexto: variada em abordagem e suporte, e variada nos interesses existenciais que as cercam. Além dessa diversidade de abordagens sobre como alguém ainda pode criar imagens no presente, também foi essencial conversar com artistas de gerações muito diferentes — desde artistas na casa dos vinte anos, recém-saídos da universidade, até à análise de espólios de artistas recentemente falecidos; o nosso processo de pesquisa foi, no mínimo, poroso. Qualquer direção poderia, inicialmente, ser uma direção.

Quem molda a cena artística portuguesa? O que impulsiona estes artistas — suas questões, preocupações, materiais e modos de produção? O que significa trabalhar em Portugal hoje? Quais são as vantagens e limitações desse contexto? Que prazeres e traumas um artista traz em sua identidade e/ou vínculo territorial com o país? Quantos Portugais existem em Portugal? Os artistas que vivem nas ilhas dos Açores e da Madeira têm as mesmas oportunidades que aqueles que vivem em Portugal continental? É possível ter uma carreira consistente sem se mudar para grandes cidades como Lisboa e Porto?

Frequentemente, terminávamos as nossas visitas aos estúdios perguntando aos artistas a sua opinião sobre a cena artística portuguesa. Como num talk show, cada artista dava uma resposta diferente. Muitos discutiam o quão “pequeno” Portugal é, não apenas na sua escala (em comparação com outros países do mundo), mas especialmente na Europa, e também pequeno por se tratar de uma economia que, poderosa ou não, nunca teve interesse em fomentar os seus artistas visuais. Deixar Portugal em busca de uma “carreira internacional” não é sempre uma possibilidade, mas é frequentemente visto como algo necessário; sem ela e sem experiência internacional, parecia impossível realizar-se como artista no país. Alguns artistas tiveram o privilégio de estudar no exterior; outros tiveram a capacidade social de construir uma rede internacional após convites específicos para participar em diferentes projetos. Essa ficção em torno da ideia de ser “internacional” é extensa — pode significar o Reino Unido, outros países europeus, os Estados Unidos ou mesmo outros lugares do Sul Global, como a América Latina.

Outro grupo de artistas com quem conversámos, embora reconhecesse os limites de ter uma carreira profissional no país, não parecia tão ansioso por essas raízes internacionais. Ter nascido, crescido e atuado no país desde muito jovens parecia dar-lhes uma sensação de experimentação e liberdade que as grandes cidades artsy não têm. Permanecer no país não é uma questão de orgulho nacionalista, mas pode ser visto como um ato de resistência e um elogio a uma ideia específica de liberdade. Se esse imenso reconhecimento virá um dia é uma questão de tempo e sorte; o essencial para alguns deles era ter tempo, espaço e silêncio para continuar a trabalhar todos os dias.

Como o leitor pode imaginar, essa diferença de respostas e expectativas em torno de como a cena artística em Portugal é vista por seus artistas é interessante e certamente mereceria um estudo e pesquisa específicos no futuro — especialmente quando se olha para a história da região e se veem artistas desde o século XVI reclamando da falta de

investimento público, reconhecimento internacional e mesmo direitos trabalhistas. Uma cena artística é feita não apenas de seus artistas, das imagens e discursos que eles produzem, mas também de como esses agentes olham e inventam uma opinião particular sobre o seu sistema — aprender sobre isso foi muito antropológico e essencial para as nossas escolhas curatoriais durante esse processo.

Outra camada crítica e final deste projeto é a nossa colaboração como curadores. Começou como um encontro curatorial às cegas, reunindo dois indivíduos de diferentes gerações, contextos culturais e trajetórias profissionais, cada um com diferentes graus de familiaridade com a cena portuguesa. O que nos uniu foi uma curiosidade compartilhada e a perspectiva de quem olha de fora. Isso levou a muitas conversas, debates e descobertas — que se estenderam por fusos horários e tecnologias diferentes — de um fluxo constante de mensagens de WhatsApp a videoconferências, por vezes o prazer de nos encontrarmos pessoalmente e aprofundarmos nossas dúvidas juntos.

Após muitas discussões e aprendizagem mútuas, convidámos vinte artistas que dialogam de maneiras sobrepostas, abordando noções de corpo em relação à história, à memória e ao nosso entorno. Curiosamente, o nosso olhar sempre correspondeu aos nossos interesses mútuos por práticas artísticas não circunscritas, que abrem perspectivas, que suscitam questões e dúvidas e que brincam de diferentes maneiras com um certo sentido de metamorfose e ficção. Esta exposição mostra artistas que não evitam necessariamente a ideia do documento e o apelo do “real” de uma forma mais sociológica, mas, sem dúvida, acolhe criadores que parecem estar constantemente inventando novos mundos repletos de mistério e ambivalência.

Em retrospectiva, talvez inconscientemente, já que este projeto começou com um convite externo que aborda uma geografia específica — Portugal —, talvez esta seleção de artistas com práticas que quase nunca deixam clara sua pertença nacional seja uma resposta à falácia de qualquer projeto curatorial com abordagem nacional. É possível, mas — como afirma o nosso título — é escrevendo o seu texto que essa percepção surge como um devaneio lúcido.

O nosso processo foi certamente mais sobre o devaneio do que sobre a lucidez — deveras não-linear, como talvez todo processo de pesquisa curatorial deveria ser. Esperamos que esse sentimento de dúvida ou ambiguidade também seja sentido pelos visitantes da exposição e pelos leitores da publicação.

Ana Vidigal

A prática artística de Ana Vidigal (Lisboa, 1960) abrange a pintura, a colagem, a assemblage e a instalação, com uma pesquisa centrada na memória, na história e na reconfiguração de narrativas pessoais e coletivas que gera novas leituras críticas no presente. A sua linguagem visual é feita de camadas e incorpora frequentemente materiais encontrados, transformando o ato de colecionar numa forma de contar histórias. Recorrendo a técnicas de corte e colagem, as suas composições justapõem o passado e o presente, o público e o privado, o pessoal e o político.

André Sousa

A pintura expandida de André Sousa (Porto, 1980) desdobra-se entre a escultura e a instalação, a abstração e a representação, integrando uma investigação espacial e conceptual mais ampla que se relaciona com a história da arte, a mitologia e a literatura, e também com a forma como as imagens e os gestos abstratos acumulam significado ao longo do tempo. Para esta exposição, Sousa criou “Apex”, uma estrutura sob a forma de pirâmide alongada que se estende em direção ao teto da Galeria. Embora monumental na escala, incorpora as qualidades frágeis de um abrigo improvisado – tema recorrente na obra do artista.

Andreia Santana

Com uma prática centrada maioritariamente na escultura, as obras de Andreia Santana (Lisboa, 1991) são marcadas por uma abordagem minimalista que valoriza a forma e a textura, incorporando movimento

e ação através da performatividade dos materiais. As suas esculturas tendem a transmitir uma sensação de fragilidade e vulnerabilidade, expressando, ao mesmo tempo, uma força poética. Experimentando frequentemente com o vidro e associando este material ao ferro, a fragilidade, a efemeridade e a leveza são alguns de seus interesses centrais como artista visual.

Belén Uriel

A prática de Belén Uriel (Madrid, Espanha, 1974) é informada pelo quotidiano e pela nossa relação com o que a artista chama de objetos “universais”, e pelas possibilidades de transformação, tanto em termos de significado como de materialidade. Ao fragmentar e remodelar itens produzidos industrialmente, as suas obras desconstroem e repensam a história social e cultural dos objetos e a nossa relação com eles, em constante evolução. Capacetes e mochilas são transformados em formas e seres orgânicos, resultando num híbrido entre o conhecido e o desconhecido, o uso e o desuso, a realidade e a ficção.

Dayana Lucas

O trabalho de Dayana Lucas (Caracas, Venezuela, 1987) explora a interseção entre desenho, escultura e experiência espacial, abordando a prática artística como um processo simultaneamente físico e conceptual. O ato de desenhar surge como uma forma de invocação — uma extensão do movimento, do ritmo e da presença — que oferece um modo particular de interagir com o espaço através de linhas, marcas e rasuras que sugerem tanto a presença

quanto a ausência. Usualmente implícito, o corpo ressurgue de modo literal nas suas obras de fotografia onde marcas naturais se combinam com marcas que adornam a pele.

Francisco Trêpa

O trabalho de Francisco Trêpa (Lisboa, 1995) caracteriza-se pela experimentação do meio da cerâmica através de diferentes escalas e explorações cromáticas. Longe de representar explicitamente ou estudar cientificamente qualquer animal, é difícil olhar para suas criações e não as associar às muitas naturezas que nos circundam. Em trabalhos anteriores, já ecoam flores, larvas, ovos e beringelas. Ainda assim, na sua produção e na que está presente nesta exposição, a certeza sobre as referências à sua cerâmica é mais ténue. Espinhos, dobras, poros e reentrâncias, por vezes em cores contrastantes, são a base da sua pesquisa.

Gonçalo Sena

Trabalhando com escultura e instalação, a pesquisa de Gonçalo Sena (Cascais, 1984) dialoga com noções de identidade, memória e a relação do ser humano com o espaço que o rodeia. Nesta exposição, Sena dá continuidade ao seu interesse em trabalhar com água em obras instalativas e convida o público a uma fruição que se dá pelo olhar, pelo estímulo tátil da água e pelo som. Sentado num banco também projetado pelo artista, o espectador observa essa espécie de fonte anticlímax, refletindo não só sobre os limites entre escultura, instalação e design, mas também sobre o constante movimento inerente às dinâmicas da vida.

Ilídio Candja

Ilídio Candja (Mauputo, Moçambique, 1976) possui uma ampla experiência com a pintura e o desenho. Jogando com diferentes escalas que se aproximam do monumental, as imagens que cria caracterizam-se por uma tessitura que sugere a colagem e a fricção de elementos extraídos de diferentes contextos, organizados sobre a mesma superfície. Para esta exposição, apresenta a instalação “Ujamaa”, que joga com a palavra da língua Makonge — falada no Sul da Tanzânia e no Norte de Moçambique e que pode ser traduzida como união, unidade e/ou família. Ao usar essa palavra como título, Candja reflete sobre a ideia de unidade no seu trabalho e na maneira de pensar a pintura em série.

Joana Escoval

A pesquisa de Joana Escoval (Lisboa, 1982) aborda a interseção entre espaço, matéria e percepção sensorial. Utilizando uma variedade de meios, como instalação, escultura e desenho, Escoval cria experiências que convidam o espectador a interagir e refletir sobre o espaço que ocupam e as suas obras sugerem com frequência transformações de diferentes escalas no espaço expositivo. Tal como nos trabalhos selecionados para esta exposição, muitas das suas obras são compostas por linhas simples que sugerem espirais, asteriscos e outras formas, mostrando ao espectador a importância da aglutinação e da dispersão nas artes visuais e na vida.

João Gabriel

Dedicando-se exclusivamente à pintura, João Gabriel (Leiria, 1992) explora a complexidade das identidades e das relações humanas,

frequentemente incorporando elementos que ressoam narrativas queer e as suas nuances; as figuras humanas nas suas telas são habitualmente representadas como se estivessem num estado de suspensão. Tal qual frames extraídos de um filme — meio de trabalho que o artista chegou a utilizar na sua trajetória —, as figuras que surgem nas suas imagens sugerem interrupções de ações que deixam o espectador repleto de dúvidas. Seja em atos sexuais, de intimidade ou de contextos que parecem circundar o flirt e o cruising, as suas imagens exalam desejo, mas também retração.

João Pedro Vale

+

Nuno Alexandre Ferreira

A prática colaborativa de João Pedro Vale (Lisboa, 1976) e Nuno Alexandre Ferreira (Torres Vedras, 1973) explora temas de identidade, cultura popular, história e construções sociais. Com uma abordagem multidisciplinar, o seu trabalho cruza frequentemente elementos de ficção e realidade para desafiar as narrativas dominantes, reclamar histórias marginalizadas e provocar discussões sobre pertença, resistência e transformação social. “Climacz” revisita a primeira celebração pública do Orgulho Gay em Portugal, em 1995, centrando-se na agora lendária festa que teve lugar na discoteca Climacz, em Lisboa. Mais do que um tributo, a instalação é uma meditação sobre a intersecção da arte, do ativismo e da história LGBTQIA+, afirmando o poder dos espaços comunitários na promoção da resistência, da expressão e da identidade queer.

Mané Pacheco

A pesquisa de Mané Pacheco (Portalegre, 1978) é marcada pela criação de elementos orgânicos e texturas diversas, criando composições que evocam tanto a natureza quanto a cultura urbana. Essa fusão de influências permite que as suas peças dialoguem com o ambiente que as rodeia, reforçando o seu caráter site specific e evidenciando a versatilidade da prática de Pacheco, onde o desejo de criar um vocabulário formal e material se expande e foge de repetições. Violência, sedução e fetiche caminham juntos, numa estética que nos convida a determo-nos nos seus detalhes, apelando aos sentidos de tal forma que o desejo de tocar nessas peças se torna inevitável.

Mariana Caló

&

Francisco Queimadela

Mariana Caló (Viana do Castelo, 1984) e Francisco Queimadela (Coimbra, 1985) são uma dupla de artistas com um trabalho centrado no audiovisual e em diversas reverberações por diferentes meios relacionados. A sua prática aborda os limites entre corpo e paisagem, sempre numa leitura ampla, em que as palavras têm um papel importante na fruição do espectador. Em “Flor Fantasma” os artistas brincam com silhuetas de diferentes flores e o caráter fantasmático sublinhado por projeções de slides a preto-e-branco. Flutuando no espaço, estas imagens convidam-nos a pensar as relações entre a anatomia, a botânica e a zoologia, para além dos seus limites científicos.

Sara Bichão

A prática de Sara Bichão (Lisboa, 1986) está impregnada de uma dose muito necessária de empatia e cuidado. Feitas com materiais encontrados e reaproveitados, as suas esculturas são cuidadosamente construídas, formando novas relações entre objetos que transcendem o tempo, bem como construções sociais e culturais. Cada peça é uma manta de retalhos de materiais variados, entrelaçados com as diferentes camadas das suas histórias, que são reforçadas na sua conjugação. Embora os objetos e as formas das suas esculturas possam, por vezes, ser reconhecíveis, a sua reformulação evoca imaginários de um outro mundo, transportando-nos para um reino mítico onde as hierarquias se dissolvem e surgem novas personagens e energias.

Sara Chang Yan

Trabalhando com pintura, desenho, vídeo e instalação, a prática artística de Sara Chang Yan (Lisboa, 1982) é uma contemplação do espaço, da forma e da percepção. As suas obras são delicadas coreografias de geometrias, dispostas com precisão lúdica e gestos subtis, que captam as sinergias entre presença e ausência, transparência e opacidade, em que o espaço negativo e as formas que ocupam a tela assumem igual importância. Yan é uma orquestradora de formas, colocando os elementos em diálogo entre si e com a sua envolvente — incluindo a luz, a sombra, o ar e o espetador —, tornando tudo isto parte integrante do significado das suas obras e ativando o nosso próprio envolvimento sensorial com o espaço.

Silvestre Pestana

A prática de Silvestre Pestana (Funchal, 1949) abrange poesia, performance, vídeo e os meios digitais. Trabalhando com literatura experimental e as suas explorações visuais e tecnológicas, os seus trabalhos desafiam convenções e questionam a relação entre linguagem, corpo e novos media. A poesia visual tem estado no centro da sua prática, através da desconstrução da linguagem e experimentação com a tipografia, criando composições que esbatem a linha entre a escrita e a imagem. Amplificando o seu interesse de longa data pelas palavras e pela cibernética, “Terras Raras” consiste em 7 painéis comerciais de LED onde palavras iluminadas piscam nos ecrãs, com cores vivas e design arrojado, servindo como estímulos à reflexão.

Sofia Borges

O tempo é um protagonista importante no trabalho de Sofia Borges (Lisboa, 1971), em que os momentos de silêncio têm tanto peso quanto os que incluem diálogo. Os filmes “53” e “Súlu S’Áua” (O Espírito da Água) navegam nas intrincadas camadas da história colonial da ilha de São Tomé e Príncipe, abordando especificamente o trauma duradouro do Massacre de Batepá. As suas obras são atos de resistência que recorrem a narrativas não convencionais e gestos cinematográficos que recuperam a agência, ressignificam o trauma histórico e enfatizam a persistência da memória ao olhar para o passado, ao mesmo tempo que ajudam a moldar o presente e o futuro.

Teresa Murta

Trabalhando exclusivamente com pintura, as obras de Teresa Murta (Lisboa, 1993) convidam a longas contemplações. Ao lidar com escalas diversas, a artista interessa-se por criar imagens permeadas por mistério que não entregam nenhuma literalidade aos olhos do espectador. Nos últimos anos, as suas composições têm passado de uma relação óbvia entre figura e fundo, para uma apreensão da superfície da tela, em que tudo parece mais plano e conectado. Se antes víamos formas orgânicas que fantasmaticamente remetiam a objetos identificáveis sobre um fundo de outro tom, agora notamos uma maior brusquidão nas pinceladas, e um interesse em criar nuvens de cor com um detalhe nunca antes visto.

Tiago Madaleno

Aprática artística de Tiago Madaleno (Vila Nova de Gaia, 1992) baseia-se na investigação e num exercício incessante de associações livres. A hera — símbolo de realização intelectual desde o tempo dos romanos, também associada à fidelidade e à vida eterna — é o elemento central da instalação “Correspondências de Outono”. No mundo das plantas, a hera é conhecida pelo seu crescimento rápido e pela sua capacidade de atravessar barreiras como muros ou vedações. Esta capacidade de viajar e transcender mundos é precisamente a razão pela qual Madaleno se interessa por esta planta e a utiliza como metáfora para refletir sobre ideais, paisagens perdidas, obsessões e desejos de escapismo.

Tiago Mestre

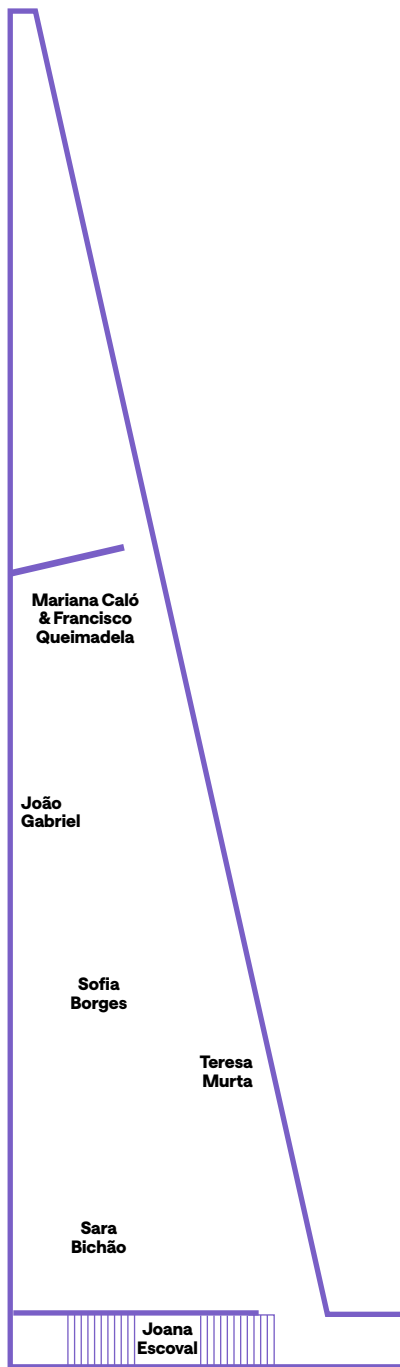
A pesquisa de Tiago Mestre (Beja, 1978) caracteriza-se por uma abordagem experimental e investigativa, em torno das propriedades dos materiais e na sua relação com o espaço e o espectador. As suas obras geralmente exploram a noção de transitoriedade e metamorfose, utilizando formas que parecem estar em constante transformação. Essa perspectiva tem um caráter poético, provocando também uma apreciação da fragilidade e, muitas vezes, da impermanência das coisas. Recorrendo com frequência ao barro, bronze e gesso, nos últimos anos, o seu trabalho movimenta-se entre uma conversa direta com a escultura e as tradições modernistas quanto ao fazer e mostrar.



Piso Floor 0



Piso Floor 1



Ana Vidigal

Sofrimento não tem prazo / Suffering Has no End, **2025**

André Sousa

Apex, 2025

Andreia Santana

Ventosa (Máscara) / Suction Cup (Mask), **2025**

Ventosa (Borboleta) / Suction Cup (Butterfly), **2025**

Ventosa (Puzzle) / Suction Cup (Puzzle), **2025**

Ventosa (Digestivo) / Suction Cup (Digestif), **2025**

Ventosa (Chave) / Suction Cup (Key), **2025**

Ventosa (Cacifo do Louis) / Suction Cup (Louis' locker), **2025**

Ventosa (Cadeado) / Suction Cup (Padlock), **2025**

Ventosa (Sentinela) / Suction Cup (Sentinel), **2025**

Ventosa (Labirinto) / Suction Cup (Labyrinth), **2025**

Belén Uriel

Carapaça (Outono) / Shell (Autumn), **2024**

Carapaça (Torso) / Shell (Torso), **2024**

Carapaça (Musa) / Shell (Muse), **2024**

Carapaça (Monstera) / Shell (Monstera), **2024**

Carapaça (Murmúrio) / Shell (Murmur), **2024**

Dayana Lucas

Árvore / Tree, **2023**

Caveira / Skull, **2023**

Sem título / Untitled, **2023**

Cobra e Eclipse / Snake and Eclipse, **2023**

Kairós, **2023**

Pássaro / Bird, **2023**

Francisco Trêpa

Na corrente, as pedras e as veias / In the Stream, the Stones and the Veins, **2025**

Nas pedras, as veias I / In the Stone, the Veins I, **2025**

Nas pedras, as veias II / In the Stone, the Veins II, **2025**

Nas pedras, as veias III / In the Stone, the Veins III, **2025**

Gonçalo Sena

Lágrimas de vento / Wind Tears, **2024**

Sem título / Untitled, **2025**

Ilídio Candja

Ujamaa, 2017 – 2024

Joana Escoval

O som estava quente como o interior de uma cor / The Sound Was Hot as a Color Inside, **2025**

Eu sou matéria derretida regressada do centro da terra para te contar coisas interiores / I am molten matter returned from the core of the Earth to tell you interior things, **2025**

João Gabriel

Sem título / Untitled, **2025**

João Pedro Vale

+ Nuno Alexandre Ferreira Climac, 2024–2025

MANÉ PACHECO

Bestas e Besties / Beasts and Besties, **2025**

Mariana Caló &

Francisco Queimadela

Flor Fantasma (tríptico) / Phantom Flower (triptych), **2021**

Sara Bichão

Queda / Fall, **2024**

Entre / In Between, **2024**

Para JP / For JP, **2018**

Pé dentro, pé fora / Feet in, Feet out, **2022**

Lobo Inquieto / Uneasy Wolf / Loup Inquiet, **2024**

Sara Chang Yan

Num plano qualitativo #28 / On a Qualitative Space #28, **2023**

Num plano qualitativo #29 / On a Qualitative Space #29, **2023**

Num plano qualitativo #30 / On a Qualitative Space #30, **2023**

Num plano qualitativo #31 / On a Qualitative Space #31, **2023**

Alinhamentos #28 / Alignments #28, **2023**

Alinhamentos #30 / Alignments #30, **2023**

Silvestre Pestana

Terras Raras – Poema expandido / Rare Earths – Expanded Poem, **2019**

Sofia Borges

53, 2023

O Espírito da Água / The Water Spirit / Sulu S'Áua, **2023**

Teresa Murta

Estar por perto / To be around, **2025**

Ajuda-para-chorar / Help-for-crying, **2025**

Derretido / Melted Down, **2025**

Sem título / Untitled, **2025**

Sem título / Untitled, **2025**

Tiago Madaleno

Correspondência de Outono / Autumn Correspondence, **2025**

Tiago Mestre

Beber, Fumar / To Drink, to Smoke, **2024**



Ana Vidigal

André Sousa

Andreia Santana

Belén Uriel

Dayana Lucas

Francisco Trêpa

Gonçalo Sena

Ilídio Candja

Joana Escoval

João Gabriel

João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira

Mané Pacheco

Mariana Caló & Francisco Queimadela

Sara Bichão

Sara Chang Yan

Silvestre Pestana

Sofia Borges

Teresa Murta

Tiago Madaleno

Tiago Mestre

Panorama of Portuguese Contemporary Art is a new initiative by Galeria Municipal do Porto. Inspired by the Panorama of Brazilian Art, the project seeks to regularly present a snapshot of contemporary artistic production in Portugal. Another key aim is to strengthen the visibility of the Portuguese art scene through collaborations with international curators.

For this first edition, the curators invited were Hiuwai Chu and Raphael Fonseca, both of whom bring extensive experience and are active in regions closely connected to Portugal, such as Spain and Brazil, as well as others like the United States. The group of artists presented here is one of many possible selections, shaped by the curators' shared interests and developed over the course of nearly a year of research. The twenty participants reflect the vitality and diversity of the national art scene, captured in the exhibition's poetics and paradoxical title.

On behalf of Galeria Municipal do Porto, I would like to express our deep gratitude for the enthusiasm and dedication with which Chu and Fonseca embraced this challenge, as well as thank all the artists who took part in this generous process of dialogue, which now culminates in this exhibition.

João Laia

Artistic Director

Department of Contemporary Art,
Ágora — Cultura e Desporto do Porto,
E.M., S.A.

Lucid

Reverie

Lucid Reverie is a visible fragment of a much larger undertaking — an exhibition born from an invitation by João Laia to engage with the Portuguese art scene and develop a presentation of artists with strong, consistent practices that remain under-recognized internationally. What you see in this exhibition is just a sliver of the broader process: a constellation of works that cut across generations, disciplines, and media. Yet, we call it a fragment because the heart of the project lies in what remains unseen, the countless studio visits and conversations with artists that will continue to resonate long after the exhibition takes form.

Our journey began in Porto at the end of April 2024. Since then, we've returned to Portugal multiple times, immersing ourselves in its art scene through exhibitions in museums, galleries, festivals, and independent spaces. We engaged in conversations with curatorial peers, but most importantly, we spent time with, we think, around a hundred artists — meeting in person and online, together and individually. We asked for portfolios and links for videos, talked about their works, the visual arts in general, and, of course, about life. This way, with lots of to-and-fro, we built a very peculiar and asymmetrical first-hand understanding of the contemporary artistic landscape of a nation that, just like any other, is an invention.

From the beginning, we knew that we didn't want to approach the project by imposing an overarching theme and only seeking out artists who referenced certain ideas;

instead, we tried to approach our conversations and studio visits with an openness that would allow us to establish natural links between areas of research and artistic sensibilities. Simply put, we wanted to work from the ground up and understand what is brewing on the western part of the Iberian Peninsula.

We met with artists born, raised, and that continue to work in Portugal, artists from elsewhere who have made Portugal their home, and Portuguese artists living abroad who retain strong connections to their homeland. Unsurprisingly, the range of practices we encountered was as diverse as in any other context — varied in approach and medium and varied regarding their underlying existential interests. Besides this diversity of approaches to how someone can still make images in the present, it was also essential to talk with artists from very different generations — from artists in their 20s, recently leaving university to analyzing estates of artists recently deceased, our process of research was, to say the least, porous. Any direction could, initially, be a direction.

Who shapes the Portuguese art scene? What drives these artists — what are their questions, concerns, materials, and modes of production? What does it mean to work in Portugal today? What are the advantages and constraints of this context? What pleasures and traumas do artists bring in their identity and/or territorial attachment to the country? How many Portuguese are there inside Portugal? Do the artists living on the islands of Azores

and Madeira have the same opportunities as those living in continental Portugal? Is it manageable to have a consistent career without moving to big cities like Lisbon and Porto?

We often ended our studio visits by asking the artists their opinions on the Portuguese art scene. Like a talk show interview, each artist gave us a different answer. Many artists discussed how “small” Portugal is, not only regarding its scale compared to other countries in the world, especially in Europe, but also small as an economy that, whether being powerful or not, never showed an interest to help foster its visual artists. Leaving Portugal and looking for an “international career,” for them, is not always a possibility, but often seen as something necessary; without it and international experience, it seemed impossible to make it happen as an artist in the country. Some artists had the privilege of studying abroad; others had the social ability to build an international network after specific invitations to be part of different projects. This fiction around the idea of being “international” is extensive — this could mean the United Kingdom, other European countries, the United States, or even other places in the Global South, like Latin America.

Another group of artists we talked to, even though they recognized the limits of having a professional career in the country, didn’t seem so anxious to have these international roots, being born, raised, and practicing in the country from a very young age seemed to give them a sense of experimentation and freedom that big artsy cities lack of. Staying in the

country is not a matter of nationalist pride but can be seen as an act of resistance and a compliment to a specific idea of freedom. Whether this immense recognition will come one day is a matter of time and luck; the vital thing to some of them was having the time, space, and silence to keep working every day.

As the reader can imagine, the difference in answers and expectations around how the art scene in Portugal is seen by its artists is interesting and would certainly deserve a specific study and research in the future — especially when you look at the history of the region and see artists complaining about the lack of public investment, international recognition, and even working rights since the 16th century. An art scene is made not only of its artists and the images and discourses they produce but also of how these agents look and invent a particular opinion around their system — to learn about it was very anthropological and essential for our curatorial choices during this process.

Another critical and final layer of this project is our collaboration as curators. It began as a curatorial blind date, bringing together two individuals from different generations, cultural contexts, and professional trajectories, each with varying degrees of familiarity with the Portuguese scene. What united us was a shared curiosity and the perspective of outsiders looking in. This led to many conversations, debates, and discoveries — stretching across time zones and media — from a constant flux of WhatsApp messages to video meetings, at times the

pleasure of meeting in person and deepening our inquiries together.

After many discussions and learning much about each other, we invited twenty artists who dialogue in overlapping ways, addressing notions of the body in its relation to history, memory, and our surroundings. Curiously, our gaze always matched our mutual interests towards artists' practices that are not circumscribed, which open perspectives, and provoke questions and doubts, and that play in different ways with a certain sense of metamorphosis and fiction. This exhibition brings together artists that don't necessarily avoid the idea of the document and the appeal of the "real" in a more sociological way but it undoubtedly embraces creators who seem to be constantly inventing new worlds full of mystery and ambivalence.

In hindsight — perhaps unconsciously, since this project started with an external invitation that deals with one specific geography, Portugal — could this selection of artists with practices that almost never make it clear their national belonging be a certain response to the fallacy of any curatorial project that has a national approach? Perhaps, but as our title states, when writing its text this perception comes as a lucid reverie.

Our process was certainly more about reverie than about lucidity — very non-linear, as perhaps every curatorial research process should be. We hope this feeling of doubt or ambiguity will also be felt by the exhibition's visitors and by the readers of the publication.

— **Hiuwai Chu**
& **Raphael Fonseca**

Ana Vidigal

Ana Vidigal's (Lisbon, 1960) artistic practice spans painting, collage, assemblage, and installation, with research centred on memory, history, and the reconfiguration of both personal and collective narratives to generate critical new readings in the present. Vidigal's visual language is one of layering and often incorporates found materials, transforming the act of collecting into a form of storytelling. Employing techniques of cutting and pasting, her compositions juxtapose the past and the present, the public and the private, the personal and the political.

André Sousa

André Sousa's (Porto, 1980) expanded painting practice moves between sculpture and installation, abstraction and representation, and is part of a broader spatial and conceptual investigation that also engages with art history, mythology, and literature, as well as how images and abstract gestures accumulate meaning over time. For this exhibition, Sousa has created "Apex", a towering structure in the form of a pyramid that reaches up to the ceiling of the Galeria. While monumental in scale, it also embodies the fragile qualities of a makeshift shelter, a recurring theme in the artist's work.

Andreia Santana

With a practice focused mainly on sculpture, Andreia Santana's (Lisbon, 1991) works are often marked by a minimalist approach that values form and texture, incorporating movement and action through the performativity of materials. Her sculptures tend to convey a sense of fragility and vulnerability while expressing a poetic force.

Constantly experimenting with glass and associating the material with iron, fragility, ephemerality, and lightness are some of her central interests as a visual artist.

Belén Uriel

Belén Uriel's (Madrid, Spain, 1974) practice is informed by the quotidian and our relationship to what she calls "universal" objects, and the concept of transformation, both in terms of meaning and materiality. By fragmenting and remodelling industrially produced items, her works deconstruct and rethink the social and cultural history of objects and our ever-evolving relationship with them. Helmets and backpacks are transformed into organic forms and beings, resulting in a hybrid between the known and the unknown, use and disuse, reality and fiction.

Dayana Lucas

Dayana Lucas's (Caracas, Venezuela, 1987) work explores the intersection between drawing, sculpture, and spatial experience, treating artistic practice as both a physical and conceptual process. In this flow the act of drawing, emerges as form of invocation — an extension of movement, rhythm, and presence — offering unusual ways to engage with space through lines, markings, and erasures that suggest both presence and absence. Usually implicit, the body literally reappears in her photography work, where natural marks are combined with marks that adorn the skin.

Francisco Trêpa

Francisco Trêpa's (Lisbon, 1995) work is characterized by a ceramic experimentation through different scales

and chromatic explorations. Far from explicitly representing any animal or being studied scientifically, it is difficult not to look at his creations and not associate them with the many natural things that surround us. His previous works have already echoed flowers, larvae, eggs, and eggplants. Still, in his production and the one present in this exhibition, the certainty about the references to his ceramics is more blurred. Thorns, folds, and pores, sometimes in contrasting colours, are the basis of his research.

Gonçalo Sena

Working with sculpture and installation, Gonçalo Sena's (Cascais, 1984) research addresses notions of identity, memory, and the relationship between human beings and the surrounding space. In this exhibition, the artist continues his interest in working with water in installation works and invites the public to enjoy it through the water's sight, tactile stimulus and sound. Sitting on a bench designed by the artist, the viewer observes this kind of anticlimactic fountain and reflects not only on the limits between sculpture, installation, and design but also on the constant movement inherent in the dynamics of life.

Ilídio Candja

Ilídio Candja (Maputo, Mozambique, 1976) has extensive experience with painting and drawing. Playing with different scales that approach the monumental, the artist's images are characterized by a texture that suggests the collage and the friction of elements extracted from different contexts, embodied on the same surface. For this exhibition, presents

the installation “Ujamaa,” which plays with the word from the Makonge language – spoken in southern Tanzania and northern Mozambique – that can be translated as union, unity, and/or family. By using this word as a title, Candja reflects on the idea of unity in his work and in his approach to thinking about painting in series.

Joana Escoval

Joana Escoval’s (Lisbon, 1982) research addresses the intersection between space, matter, and sensory perception. Using various media, including installation, sculpture, and drawing, Escoval creates experiences that invite the viewer to interact and reflect on the space they occupy and her works often suggest transformations of different scales in the exhibition space. As in the works selected for this exhibition, many of her works are composed of simple lines that suggest spirals, asterisks, and other forms, showing the viewer the importance of agglutination and dispersion in the visual arts and life.

João Gabriel

Dedicating himself exclusively to painting, João Gabriel (Leiria, 1992) explores the complexity of identities and human relationships, often incorporating elements that resonate with queer narratives and their nuances; the human figures in his paintings are usually depicted as if they were in a state of suspension. Like frames taken from a film — a working method that the artist used for part of his career — the figures in his images suggest interruptions in actions that leave the viewer full of doubts. Whether in sexual acts, intimacy, or contexts that seem to

surround flirting and cruising, his images exude desire but also retraction.

João Pedro Vale

+

Nuno Alexandre Ferreira

João Pedro Vale (Lisbon, 1976) and Nuno Alexandre Ferreira’s (Torres Vedras, 1973) collaborative practice explores themes of identity, popular culture, history, and social constructs. Employing a multidisciplinary approach, their work often blends elements of fiction and reality to challenge dominant narratives, reclaim marginalized histories, and provoke discussions on belonging, resistance, and social transformation. Climacx revisits the first public Gay Pride celebration in Portugal in 1995, focusing on the now legendary party that took place at the “Climacx” nightclub in Lisbon. More than a tribute, this installation is a meditation on the intersection of art, activism, and LGBTQIA+ history, affirming the power of communal spaces in fostering resistance, expression, and queer identity.

Mané Pacheco

Mané Pacheco’s (Portalegre, 1978) research is marked by creating organic elements and diverse textures, creating compositions that evoke nature and urban culture. This fusion of influences allows her pieces to interact with the surrounding environment, endorsing their site-specific character and highlighting the versatility of Pacheco’s practice, where the desire to create a formal and material vocabulary expands and escapes repetition. Violence, seduction, and fetish go hand in hand in a visual aspect that invites us to dwell on its details,

appealing to the human senses in such a way that the desire to touch these pieces becomes inevitable.

Mariana Caló & Francisco Queimadela

Mariana Caló (Viana do Castelo, 1984) and Francisco Queimadela (Coimbra, 1985) are an artistic duo whose work is centered on the audiovisual media and its many repercussions in related media. Their practice explores the limits between the body and the landscape, always in a broad reading key where words usually play an important role in the viewer's enjoyment. In "Phantom Flower," the artists play with the silhouettes of different flowers and their phantasmatic characters endorsed by black-and-white projections made with slides. Floating in space, these images invite us to consider the relationships between anatomy, botany, and zoology beyond their scientific limits.

Sara Bichão

Sara Bichão's (Lisbon, 1986) practice is infused with empathy and care. Made with found and repurposed materials, her sculptures are lovingly assembled to form new relationships between objects that transcend time, as well as social and cultural constructs. Each piece is a patchwork of assorted materials, interwoven with a layering of their varied histories, which are strengthened by their togetherness. Although the objects and forms in her sculptures may at times be recognizable, their thoughtful reworking conjures otherworldly imaginaries, transporting us to a mythical realm where hierarchies dissolve and new characters and energies emerge.

Sara Chang Yan

Working across painting, drawing, video, and installation, Sara Chang Yan's (Lisbon, 1982) artistic practice is a contemplation of space, form, and perception. Her works are delicate choreographies of geometries arranged with playful precision and subtle gestures that capture the synergies between presence and absence, transparency and opacity in which negative space takes on equal importance as the forms that occupy the canvas. Yan is an orchestrator of forms, situating elements in dialogue with one another and their surroundings, including light, shadow, air, and the viewer—all becoming integral to the meaning of her works and activating our own sensorial engagement with space.

Silvestre Pestana

Silvestre Pestana's (Funchal, 1949) practice spans poetry, performance, video, and digital media. Working with experimental literature and its visual and technological explorations, His works challenge conventions, questioning the relationship between language, the body, and new media. Visual poetry has been at the core of his practice, where he has deconstructed language and experimented with typography, creating compositions that blurred the line between writing and image. Amplifying his long-standing interest in words and cybernetics, "Terras Raras" consists of 7 commercial LED panels where illuminated words flash across the screens in vivid colors and bold designs, serving as prompts for reflection.

Sofia Borges

Time is a significant protagonist in Sofia Borges' (Lisbon, 1971) filmmaking, where moments with no spoken words hold as much weight as those with speech. The films "53" and "Súlu S'Aua" (The Water Spirit) navigate the intricate layers of colonial history on the island of São Tomé and Príncipe, specifically tackling the enduring trauma of the Batepá Massacre. Her works are acts of resistance that employ unconventional narratives and cinematic gestures that reclaim agency, resituate historical trauma, and emphasize the persistence of memory in looking at the past, while also helping to shape the present and future.

Teresa Murta

Working exclusively with painting, Teresa Murta's (Lisbon, 1993) works invite long contemplations. Dealing with varied scales, the artist is interested in creating images permeated by mystery that do not deliver any literalness to the viewer's eyes. In the last years, her compositions have moved from a clear relationship between figure and background, to an apprehension of the surface of the canvas where everything seems more flat and connected. If before we saw organic forms that ghostly ended with identifiable objects on a background of another tone, now we notice a greater abruptness in her brushstrokes and an interest in creating clouds of color with a detail never seen before.

Tiago Madaleno

Tiago Madaleno's (Vila Nova de Gaia, 1992) artistic practice is research-based and furthered by an endless exercise of free associations.

Ivy has been a symbol of intellectual achievement since Roman times and is also associated with fidelity and eternal life and is the central element in the installation "Autumn Correspondences". In the plant world, it is known for its rapid growth and its ability to traverse barriers such as walls or fences. This ability to travel and transcend worlds is precisely why Madaleno is interested in ivy and uses it as a metaphor to reflect on ideals, lost landscapes, obsessions, and desires for escapism.

Tiago Mestre

Tiago Mestre's (Beja, 1978) research has an experimental and investigative approach, where he investigates the properties of materials and how they relate to space and the viewer. Mestre's works often explore the notion of transience and metamorphosis, using forms that seem to be in constant transformation. This perspective has a poetic character while at the same time provoking an appreciation of the fragility and, often, impermanence of things. Frequently using clay, bronze, and plaster in recent years, his work moves between a direct dialogue with sculpture and modernist traditions of making and showing.

LÚCIDO DEVANEIO
LUCID REVERIE

Com

With

Ana Vidigal
André Sousa
Andreia Santana
Belén Uriel
Dayana Lucas
Francisco Trêpa
Gonçalo Sena
Ilídio Candja
Joana Escoval
João Gabriel
João Pedro Vale
+ Nuno Alexandre Ferreira
Mané Pacheco
Mariana Caló &
Francisco Queimadela
Sara Bichão
Sara Chang Yan
Silvestre Pestana
Sofia Borges
Teresa Murta
Tiago Madaleno
Tiago Mestre

Curadoria

Curated by

Hiuwai Chu &
Raphael Fonseca

Design Gráfico

Graphic Design
Oscar Maia

**GALERIA MUNICIPAL
DO PORTO**

Direção Artística

Artistic Direction
João Laia

Direção Executiva

Executive Direction
Sílvia Fernandes

Coordenação de Produção

Production Coordinator
Patrícia Vaz

Comunicação

Communication
Tiago Dias dos Santos
(Coord.)
Diana Reis
Hernâni Baptista

Coordenação Técnica

Technical Coordinator
Paulo Coelho

Programas Públicos

Public Programmes
Matilde Seabra (Coord.)
Pedro Galante

**Frente de Casa
e Relações Públicas**

Front of House
and Public Relations
Rui Braga

Curadoras Assistentes

Assistant Curators
Isabeli Santiago
Patrícia Coelho

Assistência à Produção

Production Assistant
Clara Saracho

**Instalação e Apoio
à Montagem**

Installation and
Setup Support
Carlos Lopes

Assistência de sala

Room Assistance
João Ramos

Assistência Administrativa

Administrative Assistance
Juliana Campos

**DIREÇÃO DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
CONTEMPORARY
ART DIRECTION**

**Carlos Lopes (Téc. de
instalação / Installation tec.**

**GMP) Clara Saracho (Ass.
de Produção / Production
Ass. GMP) Cláudia**

Almeida (Ass. de Direção

/ Direction Ass.) Diana

dos Reis (Comunicação

/ Communication) Diana

Geirotto (Gestora de

Proj. / Proj. Manager

Pláka/Fonoteca) Hernâni

Baptista (Comunicação

/ Communication) Isabeli

Santiago (Curadora

Assistente / Curatorial Ass.

GMP) João Laia (Diretor

Artístico / Artistic Director)

João Ramos (Ass. de Sala

/ Room Ass. GMP) Juliana

Campos (Ass. Administrativa

/ Administrative Ass. GMP)

Matilde Seabra (Coord.

do Proj. Educativo / Learning

Programme Coord. GMP)

Nuno Rodrigues (Coord. de

Prog. / Progr. Coord. Pláka/

Fonoteca) Patrícia Coelho

(Curadora Assistente /

Curatorial Ass. GMP) Patrícia

Vaz (Coord. de Produção /

Production Coord. GMP)

Paulo Coelho (Coord.

Técnico / Technical Coord.

GMP) Pedro Galante

(Proj. Educativo / Learning

Programme GMP) Rui Braga

(Frente de Casa e Relações

Públicas / Front of House

and Public Relations GMP)

Sílvia Fernandes (Diretora

Executiva / Executive

Director) Tiago Dias

dos Santos (Coord. de

Comunicação e Ed. /

Communication and Ed.

Coord.) Vítor Rodrigues

(Produtor Executivo /

Executive Prod. Pláka/

Fonoteca) Yoan Teixeira

(Ass. de Direção Executiva /

Executive Dir. Ass.)

**CÂMARA MUNICIPAL
DO PORTO**

Presidente

Mayor
Rui Moreira

**ÁGORA — CULTURA E
DESPORTO DO PORTO,
E.M., S.A.**

Presidente do Conselho

de Administração
Chairman of Board
of Directors
Catarina Araújo

Conselho de Administração

Boards of Directors
César Navio
Ester Gomes da Silva

**Secretariado da
Administração**

Secretariat
Hélder Roque
Liliana Santos

DPO

Filipa Faria

**Diretora de Gestão
de Pessoas, Organização
e Sistemas de Informação**

Director of People
Management, Organisation
and Information Systems
Sónia Cerqueira

**Diretor de Serviços
Jurídicos e de Contratação**

Director of Legal Services
and Contracting
Sérgio Caldas

Diretora Financeira

Financial Director
Rute Coutinho

**Diretor de Comunicação
e Imagem**

Director of Communication
and Image
Bruno Malveira

Diretor de Manutenção

Maintenance Director
Mário Rebelo

Apoio à divulgação
Media Support

 **RTP 2**

 **ANTENA 2**



Programa Público

Public Programme

12.07 – 18:00

Inauguração

Opening

12.07 – 23:59 – Maus Hábitos

Festa CLIMACZ

João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira

com with As Docinhas, Mvria, Viegas, Guilherme Leal, Jnoir, Irina Pereira

CLIMACZ Party

24.07 + 07.08 + 21.08 + 25.09 – 18:30

Panorama em Foco – Visitas orientadas

Panorama in Focus – Insight tours

04.09 – 19:00

Apresentação do livro Lúcido Devaneio

Lucid Reverie Book Presentation

Visitas Guiadas

Guided Tours

02.08 + 23.08 + 30.08 + 06.09 + 04.10 (sábados Saturdays)

15:00 em português 16:00 in English

Terça – Domingo Tuesday – Sunday

10:00 – 18:00

Entrada gratuita Free admission

Galeria Municipal do Porto

Rua D. Manuel II (Jardins do Palácio de Cristal)

4050–346 Porto

FB/IG: @galeriamunicipaldoporto

+351 225 073 305

galeriamunicipal@agoraporto.pt

**GALERIA
MUNICIPAL
DO PORTO**

www.galeriamunicipaldoporto.pt

Porto.